

A CONSTITUIÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS EM RODAS DE FORMAÇÃO

Maria Claudia Cardoso Farias - FURG
mclaudiacf@yahoo.com.br

7. Formação de professores (para a Educação Básica e Superior)

Resumo:O presente texto emerge a partir das reflexões que venho construindo como ouvinte da Leitura Dirigida “Ambientes sociais e sentidos do trabalho”, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, percebendo o significado de vivenciar o que se configura em grupo de estudos e formação em Roda. O grupo intitula-se Roda dos Sentidos, inspirado na obra “Os Sentidos do Trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho” (ANTUNES, 1999), primeiro referencial estudado coletivamente neste espaço. Pensar na formação dos educadores e educadoras é acreditar na importância de construir espaços de formação dentro das instituições educativas, configurados de forma permanente, como são as Rodas de Formação. Para Warschauer (2001), a Roda “é o símbolo para viabilizar o diálogo, a troca de experiências, a construção de conhecimentos com sentido para seus sujeitos”, além disso, segundo Lima (2011) a Roda de Formação é uma “opção político-epistemológica e não apenas metodológica”, por isso tem se configurado como espaço dialógico, de compartilhar saberes e fazeres de educadores e educadoras. Nas Rodas é possível desenvolver a proposta de escritas de narrativas com um significado diferente, pois se constituem como espaços de pensar o dito, refletindo sobre o que foi dialogado no grupo, segundo Marques (2001), “[...] é o escrever que constitui a escrita em sua função primeira de significante, depois de produtora de sentidos”. Nas Rodas de Formação construímos nossa identidade de grupo, a compreensão da necessidade de reconhecermos nossas especificidades enquanto trabalhadores em educação e o quanto nossas práticas educativas quando reflexivas, contribuem para “arranhar” a lógica capitalista de produção de conhecimento em prol da concepção de que o conhecimento se constrói. Neste sentido acreditamos no processo dialógico como transformador, o diálogo, assim como a escuta freireana, contribuem na nossa formação permanente, assim como nos faz repensar nossa prática pedagógica ao compartilharmos uns com os Outros nossas vivências.

Palavras-chave: Rodas de Formação; Diálogo; Aprender com o Outro; Escrita.

Repensando e reconstruindo espaços e tempos de Formação Permanente¹

Os espaços de formação de educadores e educadoras são lugares em que os saberes e fazeres docentes são compartilhados, pensados e amadurecidos para que assim possamos

¹ Utilizo o termo Formação Permanente conforme a compreensão de Lima (2011), nos reconhecendo como sujeitos inconclusos, vivemos em constante aprendizado uns com os Outros, e por isso entendemos que nossa formação não inicia a partir da docência, mas muito antes. Porém ainda compreendendo que a docência especificamente, abrange os processos de Formação Inicial e Continuada, mas por fazer-se parte do que somos, encaixa-se na nossa Formação Permanente enquanto seres humanos.

construir nossas práticas pedagógicas. Desde a configuração das próprias disciplinas durante as graduações em Licenciatura, até seminários, simpósios, congressos e outros, estamos em constante movimento de aprendizagem de ser professor e professora. Contudo, são nas Rodas de Formação que os estudos e diálogos reflexivos sobre a docência alcançam outros significados, “alguém narra uma experiência, (com)partilhando-a na Roda, outros interlocutores podem dela apropriar-se por inteiro e, ainda assim, a experiência retorna para o narrador ressignificada” (SOUZA, 2010, p. 18), neste sentido, as Rodas configuram-se como espaços diferenciados de pensar e construir a docência, ao compartilharmos um pouco de nós com o Outro e percebermos neste movimento, nossa própria reconstrução.

A partir da minha experiência como aluna ouvinte da Leitura Dirigida “Ambientes sociais e sentidos do trabalho”, orientada pela Professora Drª Vanise dos Santos Gomes e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, tenho concebido o significado da importância de vivenciar espaços de estudo e formação em Rodas.

Este grupo iniciou no primeiro semestre de 2011, com o estudo da obra “Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho”, de Ricardo Antunes (1999), livro ao qual inspirou o grupo a intitular-se “Roda dos Sentidos”, estudamos alguns textos de Marx e Engels, relacionados à categoria trabalho, e no presente ano o grupo está organizado pelo estudo de outra obra de Antunes, “Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho” (2011).

Nestes estudos buscamos compreender as amarras do sistema capitalista à *classe-que-vive-do-trabalho* (ANTUNES, 1999), bem como o papel da nossa categoria de trabalhadores em educação como aquele capaz de articular formas de “arranhar” esta lógica. Durante nossos encontros, construímos alguns conceitos indispensáveis para entendermos a complexidade deste sistema, mas sempre com esperança de encontrarmos alternativas de repensar nossa prática em prol da construção de uma sociedade mais justa e menos excludente.

Uma dessas alternativas é repensar nossa própria formação fazendo um exercício reflexivo sobre a docência e sobre nossas práticas pedagógicas, que somente podem se efetivar de forma significativa quando realizadas em ambientes que propiciem a autonomia e a compreensão da importância de aprendermos uns com os Outros. O direito à formação continuada na perspectiva das Rodas faz parte desse movimento de pensar e repensar os saberes e fazeres docentes.

Pessoas num movimento de um “vir a ser” num “estar sendo” com uma opção política, epistemológica e metodológica – transformação de práticas de formação permanente num processo de formar-se ao formar. E isso indica os percursos trilhados por esta Roda, em passos individuais, movimentos coletivos. (LIMA, 2011, p. 12)

Neste sentido, as Rodas devem compor-se pelos grupos de educadores e educadoras dentro das próprias instituições de ensino, cada contexto, necessita dialogar sobre questões específicas, nisto constrói-se a identidade de grupo, a partir do significado que cada um atribui à sua formação dentro do espaço onde atua. Na medida em que vão sendo compartilhadas experiências no contexto comum, construindo outras concepções sobre a docência, essa aprendizagem pode abrir-se ao debate em outros espaços e com sujeitos distintos, de outras instituições, dialogando com Outros colegas, a realidade vivida em diferentes contextos, (re)significando os espaços de formação mais amplos.

Clarindo (2011) destaca que a formação dos professores se dá pelas necessidades da comunidade a qual atente, compreender as características de cada contexto faz parte da formação dos educadores em Roda, por que estas se conectam com a realidade vivida por seus educandos e educandas.

[...] as rodas de formação e comunidades aprendentes² entrelaçam seus fios, tecendo os saberes da formação continuada de professores. Aí os participantes da formação tramam sua história e significam e ressignificam saberes através do outro, do compartilhar experiências. (CLARINDO, 2011, p. 40)

Neste sentido que ressalto a importância dos espaços formativos dentro de cada instituição, possibilitando pensar que a formação de cada grupo de educadores emerge pela necessidade de também compreender sua docência neste espaço especificamente. Por isso, cada Roda é única, e se constitui pelo grupo de pessoas que dela fazem parte.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, em seu título VI, que discute sobre os Profissionais da Educação, garante em seu parágrafo 1º a promoção por parte do Distrito Federal, dos Estados e Municípios, em regime de colaboração, a formação inicial e continuada bem como a capacitação dos profissionais do magistério. Fica evidente a preocupação não só com a formação inicial dos professores, mas também a formação continuada, mas essa questão se efetiva em sua plenitude? Podemos considerar que

² Clarindo (2011) utiliza o conceito de comunidade aprendente a partir da concepção de Brandão (2003), como sendo o grupo de pessoas que se reúne em um determinado tempo e lugar com um objetivo mútuo de estabelecer sentidos pela busca de saberes, em um movimento de aprender e ensinar mutuamente.

todas as práticas vivenciadas no decorrer da nossa vida profissional são práticas de formação continuada pautada na construção da identidade, dos saberes e fazeres docentes de forma reflexiva?

No mesmo título, em seu artigo 67, a LDB 9394/96, destaca a valorização dos profissionais da educação, garantindo que lhes seja assegurada nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público, a efetivação do inciso V, onde destaca a inclusão de períodos de estudos incluídos na carga horária de trabalho dos professores. A quantos educadores e educadoras têm sido proporcionados momentos de reflexão dentro da instituição escolar? Como tem se configurado nestes espaços, movimentos de efetiva formação continuada? Quantos depoimentos ouvimos de profissionais que participam de reuniões de formação que acabam se restringindo a resolução de problemas administrativos?

Compreender a formação inicial e continuada dos professores como política pública de direito, efetiva-se como valorização da categoria, como consagração de que a profissão docente se constitui no decorrer da Formação Permanente. A docência tem como característica um constante processo de ensino e aprendizado, com os educandos e educandas, com os (as) colegas de magistério, com os autores e autoras que nos orientam e com todos e todas que em algum momento possam nos fazer refletir sobre nossos saberes e fazeres docentes.

A docência foi e é construída historicamente pela busca do reconhecimento da profissionalização e valorização da categoria, como destaca Arroyo (2000) “nossa ofício carrega uma longa memória” (p. 17) e por estar inserida em um sistema societário que valoriza a “produção” de conhecimento pela quantidade de educandos e educandas que conseguem se adaptar aos sistemas escolares doutrinários, cada vez mais somos questionados por nossa prática pedagógica, principalmente por nossas metodologias. Como se qualquer profissional fosse mais capaz de pensar e falar sobre educação do que nós, educadores e educadoras.

Por este motivo que Antunes (1999), ao discutir sobre a *classe-que-vive-do-trabalho* nos inquieta, quando afirma que do ponto de vista do processo de produção capitalista, no sistema societário vigente, fazemos parte da categoria de trabalhadores improdutivos, juntamente com os trabalhadores no setor de serviços, bancos, comércio, turismo, nós enquanto profissionais do serviço público, não gerando mais valia diretamente, fazemos parte dessa categoria.

Os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviços, seja para uso público ou capitalista, e que não se constitui como elemento diretamente produtivo, como elemento vivo no processo de valorização do capital e de criação de mais-valia. (p. 102)

De forma direta o trabalho do professor e da professora não gera mais-valia e por isso, é compreendido como improdutivo. Nós, profissionais da educação, geramos mais valia indiretamente ao formar um profissional que irá assumir o papel de sujeito trabalhador na indústria, por exemplo, onde o emprego da força de trabalho gera mais-valia. Neste sentido, buscamos ser reconhecidos não só pela formação de sujeitos trabalhadores e capazes de gerar lucro dentro do sistema capitalista, o trabalho dos educadores e educadoras está para além da formação de indivíduos para o mercado de trabalho, somos sujeitos envolvidos na formação do “ser humano” e na luta por sua emancipação.

A partir disso, percebemos que nós, educadores e educadoras em Formação Inicial e Continuada, enquanto aprendemos os saberes e fazeres docentes, estamos envolvidos na construção da “humana docência”.

Reaprendemos que nosso ofício se situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos. Por aí reencontramos o sentido educativo do nosso ofício de mestre, docentes. Descobrimos que nossa docência é uma humana docência. (ARROYO, 2000, p. 53)

Mais do que o sistema societário vigente espera de nós, doutrinar sujeitos para inserirem-se no mercado de trabalho, desenvolver conteúdos descontextualizados da realidade dos educandos e educandas em prol da alienação, ensinamos e aprendemos, no processo dialógico que a docência e a discência solicitam, a “ser humanos”.

Segundo Arroyo (2000), a escola desumaniza a infância, a adolescência e a juventude, seus processos doutrinários contribuem para que não sejam proporcionados tempos e espaços de ser e de viver esses tempos de vida. A sociedade capitalista preocupada com a preparação de sujeitos que irão compor a massa de trabalhadores explorados, não reconhece esses tempos de vida, por que não é vantajoso que os sujeitos “aprendizes” vivenciem práticas reflexivas e emancipatórias dentro da sociedade como um todo, em especial dentro da escola.

Segundo Mészáros (2005), a educação, historicamente institucionalizada foi se constituindo como método de “internalização” dos valores dominantes, tornando os ideais dessa classe aqueles a serem seguidos, como forma de manter em desenvolvimento a máquina produtiva em prol do capitalismo.

A questão crucial, sob o domínio do capital, é assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema. Em outras palavras, no sentido verdadeiro amplo do termo *educação*, trata-se de uma questão de “internalização” pelos indivíduos (...) da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas “adequadas” e as formas de conduta “certas”, mais ou menos estipuladas nesse terreno. (MÉSZÁROS, 2005, p. 44)

A partir disso fica evidente que ao sistema societário em que vivemos não é conveniente a emancipação dos sujeitos, por que assim, compreenderiam a realidade vivida e se tornariam militantes da construção de um modelo societário mais justo. Na visão capitalista, é necessário que esses sujeitos permaneçam “internalizando” a forma de ser que lhe é imposta pela categoria social dominante, “ocupando” lugares sociais demarcados por tal categoria. Este modo de compreender o sistema societário reflete na concepção dos sujeitos com relação ao seu lugar nessa sociedade. Um sujeito sem opções de deixar de ser marginalizado socialmente acaba “fatalizando-se” e assumindo a identidade de “oprimido” (FREIRE, 1987).

Por isso, aos docentes que buscam realizar práticas pedagógicas cheias de sentido em busca da efetivação da emancipação dos sujeitos, são desvalorizados pela própria sociedade. Estando totalmente envolvidos por um processo histórico de alienação, as pessoas não conseguem perceber o quanto o trabalho dos educadores e educadoras contribui para a permanência ou para a mudança de perspectiva do sistema societário vigente.

O conceito de alienação entendido neste contexto refere-se ao concebido a partir dos estudos marxistas, em que o sujeito trabalhador torna-se objeto de seu trabalho quanto mais vida ele põe nesse objeto. Segundo Marx (1982) “ele não é o que é o produto do seu trabalho”, a vida que o trabalhador cedeu à produção lhe é, assim, estranhada, alienada. Neste sentido, Freire (1987) destaca a importância dos processos educativos emancipatórios, para que os trabalhadores e trabalhadoras compreendam-se inseridos em um processo produtivo, mas sem deixar de “ser humanos”.

Para muitos educadores e educadoras, o processo de emancipação é quase que inalcançável, devido às amarras do sistema capitalista, não conseguem compreender como suas ações em sala de aula podem ser modificadoras do sentimento de impotência dos seus educandos e educandas e deles próprios diante deste sistema. Guimarães (2004) considera que por mais que pareça isolada uma ação de sala de aula, por exemplo, ou até inofensiva às grandes mudanças dos pensamentos hegemônicos, elas estão construindo o elo de

transformação, fazendo parte historicamente do processo de mudanças do paradigma societário.

Neste momento histórico o que se busca é compreender que educadores e educadoras tem a capacidade de “arranhar” a lógica capitalista, através de suas práticas educativas. Mas como pensar em práticas que contribuam para a emancipação dos educandos e educandas? Nos espaços de Formação Permanente, configurados como aqueles que proporcionam a reflexão entre teoria e prática. Uma perspectiva de formação que possibilite reflexões em grupo, com a garantia de autonomia, construção da identidade docente de cada um e ao mesmo tempo do grupo como um todo, envolvendo um processo de aprendizagem uns com os Outros, se constitui como espaço potencializador da reestruturação da educação.

As Rodas de Formação tem se configurado como um espaço transformador na vida profissional de educadores e educadoras que buscam uma nova concepção de educação, com novas perspectivas de construção de saberes e fazeres docentes, conforme ressalta Warschauer (2001), a Roda “é o símbolo para viabilizar o diálogo, a troca de experiências, a construção de conhecimentos com sentido para seus sujeitos”, a interlocução entre os sujeitos que a compõe está para além da configuração do círculo, acontece nas relações de confiança que se estabelece neste processo como um todo.

Segundo Lima (2011) a Roda de Formação é uma “opção político-epistemológica e não apenas metodológica”, por isso tem se configurado como espaço dialógico, de compartilhar saberes e fazeres. Como forma de real efetivação do direito à Formação Permanente muitos educadores e educadoras têm apostado nesta proposta como aquela capaz de reconfigurar a educação como um todo.

Conhecendo a “Roda dos Sentidos” e os sujeitos que a compõem.

Teve início no primeiro semestre de 2011, um grupo de estudos que se uniu pelo desejo de aprofundar os estudos sobre os referenciais marxistas, de forma a construir conhecimentos coletivamente, por já terem tido esta experiência em outros momentos, com grupos diferentes. Foi, então, que organizado pela Professora Dr.^a Vanise dos Santos Gomes reuniam-se três doutorandos, dois do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental PPGEA/FURG e um do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências PPGEC/FURG, juntamente com duas Pedagogas e uma graduanda em Pedagogia Licenciatura da FURG. No presente ano, uniram-se ao grupo duas Pedagogas, mestrandas do

Programa de Pós-graduação em Educação PPGEd/FURG e mais dois doutorandos do PPGEA/FURG.

A “Roda dos Sentidos” tem se caracterizado pela heterogeneidade da formação dos sujeitos que a compõe, Engenheiros, Pedagogas, Licenciadas em Letras e História. Essa diversidade de profissionais tem enriquecido nossos encontros, nossas aprendizagens, nossas relações e o sentido de estudar em Roda. Cada componente do grupo traz suas experiências no mundo do trabalho para as discussões sobre os referenciais estudados, muitos de nós percorreram diversos espaços antes da chegada à Roda dos Sentidos, indústria, comércio, escola, são locais que definem a constituição do grupo. Por isso, os estudos dos referenciais marxistas tem um significado diferente neste grupo em especial, sentido que cada um compartilha nos encontros semanais, para a construção do conhecimento coletivo.

Nesses encontros semanais, as leituras dos textos a serem estudados são de responsabilidade de todo o grupo. A discussão do referencial circula por entre essa Roda e assim permanecemos no movimento de nos questionar, argumentar, reler, utilizar outros aportes teóricos já estudados por alguns membros do grupo, na busca por compreender tais referenciais.

Para que pudéssemos utilizar a escrita como recurso na nossa formação pedagógica, recebemos a proposta da construção de um portfólio coletivo, que é o registro reflexivo e teórico do encontro anterior, com o objetivo de materializar as compreensões alcançadas e registrar os questionamentos ainda em construção. A nossa escrita se configura pela perspectiva de Marques (2001), em que escrever é a inauguração do próprio pensar.

Ao registrarmos nossos pensamentos percebemos que construímos espaços de aproximação entre os sujeitos integrantes do grupo, onde se materializa o imaterial, sentimentos e percepções são descritas e narradas pelos sujeitos, como forma de expressar a intensidade de cada encontro vivenciado pelo grupo. As narrativas escritas nesta ferramenta pedagógica são lidas sempre no início dos encontros da Roda e acabam dando um “tom” diferente para cada encontro.

A “Roda dos sentidos” tem sido espaço de reflexão sobre a categoria trabalho no sistema capitalista, educadoras e educadores de áreas distintas, engenheiros, pedagogas, licenciadas em letras e história, são sujeitos que carregam suas bagagens de conhecimentos e que vem estudando e aprendendo uns com os Outros a construir conceitos sobre o mundo do trabalho, bem como configurando uma perspectiva diferenciada de formação permanente.

O sentido de construir a docência em Rodas de Formação

Há muito vem se discutindo a importância da formação docente em busca da especificidade dos profissionais da educação. A cada reformulação educativa, quando são propostas mudanças no currículo escolar, por exemplo, a categoria se movimenta, em busca do direito por compreender seu efetivo papel na aplicação dessas mudanças.

Arroyo (2000) ratifica que “quanto mais nos aproximamos do cotidiano escolar mais nos convencemos de que ainda a escola gira em torno dos professores, de seu ofício, de sua qualificação e profissionalismo. São eles e elas que a fazem e reinventam”, por isso que os questionamentos realizados pelo grupo de educadores e educadoras dentro das instituições escolares são tão significativos.

No caso da Roda dos Sentidos, por fazermos parte de diferentes espaços educativos, percebemos o quanto podemos contribuir de forma diferenciada com a formação de cada um no grupo e por consequência, dos nossos educandos e educandas. Por desenvolvirmos nossas práticas docentes com crianças, jovens e adultos, nosso grupo se constitui realizando processos de reflexão sobre a nossa prática pautados nos estudos sobre a categoria trabalho dentro da sociedade vigente. Alguns são educadores profissionalizantes nos Institutos Federais do Rio Grande do Sul - IFRS, em Rio Grande e em Pelotas, outras trabalham com crianças, adolescentes e jovens no ensino básico em Rio Grande e ainda há as educadoras que contribuem com sua prática na formação de licenciandos e licenciandas na FURG.

A constituição de cada grupo é diferente e vai se firmando à medida que se estabelecem elos de confiança, de estar aberto a aprender com os Outros, de partilhar experiências e repensar a prática a partir dos estudos coletivos. Warschauer (2001) considera nas Rodas de Formação “essa concepção de partilha que traz a ideia de *retorno à pessoa*, na qual o que importa são os significados e os aprendizados que elas fazem, insere-se numa nova ética, que implica uma reciprocidade não mercantil” (p. 178), o retorno pode não ser recebido no mesmo momento da partilha, a ressignificação do que foi partilhado se dará em tempos e espaços indeterminados, para cada um em momentos diferentes.

Esses elos de confiança são estabelecidos a partir do diálogo, mas também a partir das narrativas escritas, pois estas demonstram o quanto cada um de nós contribui na formação do Outro. Na Roda dos Sentidos, muitos são os relatos no grupo de que durante os estudos individuais para os encontros, somos lembrados por nossos discursos, por nossas reflexões sobre o tema em questão.

Essa prática de construção de conceitos e organização dos pensamentos e questionamentos a partir da escrita, como registro dos saberes e fazeres docentes e o processo

de compartilhar essa escrita na Roda da qual se faz parte, auxilia no desenvolvimento dos referenciais estudados no grupo como um todo.

Trata-se, portanto, de um trabalho que envolve o questionamento do lugar do outro, do nosso, de nossa relação com ele, da procura da justa medida de nossos atos, da disponibilidade para partilhas, determinação, flexibilidade e humildade. Quando a análise da prática pela escrita propicia este tipo de envolvimento, está sendo formativa no sentido do humano, envolvendo a pessoa do professor. (WARSCHAUER, 2001, p. 189)

Algumas Rodas de Formação apostam nas narrativas escritas como espaços de pensar o dito, utilizando portfólios individuais ou coletivos como ferramenta para estes registros. Na Roda dos Sentidos fomos instigados a registrar nossas escritas em um portfólio coletivo, a cada semana um membro do grupo fica responsável por esta dinâmica que é compartilhada na leitura do texto ao inicio de cada encontro. Além de exercitarmos a escrita por meio dos registros, estamos construindo nossas concepções sobre a docência, potencializando nossa compreensão sobre todos os aspectos que a envolvem.

Para Marques (2001), “[...] é o escrever que constitui a escrita em sua função primeira de significante, depois de produtora de sentidos. E por outra parte, a escrita precede o escrever.” (p. 41), durante os encontros é que nossa escrita se desenvolve, primeiramente em nossos pensamentos, motivados pelas discussões sempre tão intensas e que se materializam, posteriormente, nas páginas dos portfólios.

A dinâmica de leitura dessas escritas é muito significativa, no momento em que partilhamos nossos registros uns com os Outros, no grupo, é que percebemos o significado do processo de formação em Roda, quando ouvimos o que o Outro escreve sobre nós, estamos em um movimento de percebermos a nós mesmos pelo seu olhar.

Segundo Warschauer (2001), “a escrita da experiência, quando é lida por outros, levá-nos a sair de nós mesmos para sermos capazes de partilhar os pensamentos, provocando a passagem do implícito para o explícito” (p. 190). Assim compreendemos a importância de compartilhar nossa escrita com o grupo, de modo a expressar o sentimento coletivo que o estudo e formação em Roda proporcionam.

Lima (2011) considera que “no caso da formação em Rodas, em processos coletivos, o diálogo pode ser ampliado a partir da experiência da partilha de saberes, de dizeres por meio de textos escritos de modo individual ou coletivamente” (p. 99). Neste sentido, o Portfólio se caracteriza como lugar de contar-nos, de articular as construções teóricas e as percepções individuais, por meio da escrita.

São as relações que se estabelecem dentro do grupo, como o sentido de estudar em Roda, as afinidades que se criam no decorrer do processo, o desafio de nos constituirmos enquanto grupo que dão significado a essa prática pedagógica. Estudamos, dialogamos e escrevemos, como forma de materializar todo este processo de construção de conhecimentos.

O diálogo e o silêncio: conceitos potencializadores da Formação em Roda

Os espaços de estudos e Formação em Rodas configuram-se principalmente pelo processo dialógico que possibilita a partilha de saberes e fazeres docentes, mas vai além disso, o diálogo constitui-se como momento de reflexão com o Outro, de questionarmos, de argumentarmos, de instigarmos uns aos Outros. Segundo Freire (1996), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (p. 136). Por que sujeitos em constante relação de ensino e aprendizagem uns com os Outros, somos seres necessitados de diálogo.

As discussões nas Rodas de Formação engrandecem as relações com o Outro, possibilitam a construção da identidade de grupo, tão importante dentro das instituições escolares. O diálogo é o primeiro passo para estabelecer confiança na Roda da qual fizemos parte, é este processo que nos convida a mostrar quem somos e perceber o Outro em sua plenitude. Por isso é enriquecedor do ambiente educativo, sendo vivenciado na Formação Continuada, fará parte da proposta pedagógica dos professores e professoras.

Percebendo-se sujeito aprendente, estará o educador ou educadora, sempre “disponível ao diálogo”, ferramenta indispensável na construção de conhecimento, “seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas” (FREIRE, 1996, p. 136), por que me percebo inacabado sigo na busca por oportunidades formativas com os Outros e com o mundo.

É através deste processo dialógico que compartilhamos nossas experiências docentes, neste momento, refletimos sobre nossa própria prática pedagógica, considerando a dos colegas de profissão. Neste sentido, tão importante quanto saber dialogar é saber escutar, é saber silenciar para ouvir o Outro.

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure *entrar* no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala,

realmente comprometido com *comunicar* e não com fazer puros *comunicados*, escutar a indignação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação. (FREIRE, 1996, p. 117)

Escutar inspira nossos pensamentos, assim como expor nossas ideias, o ato de ouvir as concepções e construções de conhecimento do Outro potencializa nossa própria capacidade de aprender, por que enquanto escuto, faço minhas reflexões, questiono, interrogo, para então comunicar o que foi construído. Muitas vezes na ânsia por falar, perdemos grandes oportunidades de aprender ao ouvir o Outro.

Segundo Warschauer (2001), “o processo de significação da conversa nutre-se não só da interação com o outro, como também do diálogo interno, este necessita do silêncio para se processar” (p. 179), muitas vezes ele se dá enquanto estamos estudando, nos preparando para os encontros na Roda, neste momento, cada diálogo, cada questionamento e compreensão compartilhada nos encontros em grupo se manifesta em nossa memória, dialogamos internamente com esses dizeres. Mas também durante os encontros, enquanto ouvimos o Outro, construímos diálogos internos para a compreensão do dito.

Neste sentido, ao participar de Formação em Rodas, nos constituímos pela aprendizagem do diálogo e da escuta freireanos, conceitos indispensáveis à construção da docência e da reconfiguração de práticas doutrinárias dentro da escola e no próprio sistema societário em que vivemos.

Algumas considerações

Há muito se discute sobre a reforma na educação, grandes teóricos sempre trouxeram contribuições dentro de suas perspectivas, sobre essa modificação, assim como não é recente esta discussão, também não é recente a compreensão de que a formação dos educadores e educadoras precisa encontrar alternativas além dos congressos, simpósios e outros eventos que se configuraram na maior parte em expositivos.

Embora estes momentos sejam de extrema importância, para que os educadores e educadoras possam ter conhecimento sobre o que tem se pensado para além dos muros escolares, é relevante considerar a formação docente em sua plenitude. Para isso, é importante que se criem políticas públicas de efetiva Formação Permanente dentro das instituições escolares. Que seja garantido o exercício de pensar a docência entre pares, em momentos de Formação nos grupos de educadores e educadoras constituídos dentro destes espaços, configurados nas Rodas de Formação.

O movimento vivenciado nas Rodas de Formação evidencia a construção da identidade docente, além de proporcionar a afirmação da profissionalização no decorrer da carreira dos professores e professoras. Como forma de valorização das especificidades da categoria. A Roda dos sentidos, por exemplo, tem se configurado como espaço significativo na constituição docente tanto dos educadores e educadoras que já atuam a algum tempo, quanto àquelas que estão iniciando sua caminhada na carreira.

Muitas Rodas têm sido construídas nos espaços educativos como ferramenta de se pensar a docência refletindo sobre a prática, pautados em estudos sobre referenciais teóricos que tenham significado para cada grupo de educadores e educadoras em particular. São relatos de experiências bem sucedidas, que servem como referencial para construção de Rodas de Formação em outros espaços, levando em conta sempre a especificidade de cada contexto onde a Roda se forma.

As teses de Lima (2011) e Souza (2010), além da dissertação de Clarindo (2011) foram leituras que me inspiraram e que me fazem a cada dia acreditar na Formação em Rodas como possibilitadoras da reflexão sobre os saberes e fazeres docentes, como espaços capazes de modificar significativamente nossas práticas pedagógicas.

Espaços como os das Rodas proporcionam a afirmação das especificidades dos saberes e fazeres docentes, são potencializadores do reconhecimento buscado historicamente de professores e professoras militantes por uma educação de qualidade, pela reconfiguração da educação, pela capacitação da profissão, pela compreensão de que nossa categoria carregada de história merece ser valorizada por seu ofício, por suas lutas e por sua contribuição à sociedade.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** – São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação.** – São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

CLARINDO, Tania Tuchtenhagen. **Tecendo saberes em alfabeturas: a educação ambiental no tear das rodas de formação continuada de professoras.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, FURG, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais.** Campinas, SP: Papirus, 2004.

LIMA, Cleiva Aguiar de. **O diário em roda, roda em movimento: formar-se ao formar professores no Projeja / Cleiva Aguiar de Lima** – Rio Grande: FURG, 2011.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** – 4^a ed. – Ijúi: Ed. Unijuí, 2001.

MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: MARX, Karl. “Entfremdete Arbeit und Privateigentum”, Okonomisch-philosophische Manuskripte, MEGA, 1,2, Berlim: Dietz Verlag, 1982, p. 363-375. In: ANTUNES, Ricardo (org.) **A dialética do trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MÉSZÁROS, Ístván. **A educação para além do capital.** Tradução de Isa Tavares. – São Paulo: Boitempo, 2005.

SOUZA, Moacir Langoni de. **Histórias de constituição e ambientalização de professores de química em rodas de formação em rede : colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas / Moacir Langoni de Souza.** Rio Grande: FURG, 2010.

WARSCHAER, Cecília. **Rodas em rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.